

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

**MARIA ERICA DE SOUSA CALDAS**

**RACISMO E IDENTIDADE: ANÁLISE SEMIÓTICA DO LIVRO *O AVESSO DA PELE* (2020), DE JEFERSON TENÓRIO**

**PARNAÍBA  
2025**

**MARIA ERICA DE SOUSA CALDAS**

**RACISMO E IDENTIDADE: ANÁLISE SEMIÓTICA DO LIVRO *O AVESSO DA PELE* (2020), DE JEFERSON TENÓRIO**

Trabalho de conclusão apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), sob orientação da Professora Doutora Shenna Luíssa Motta Rocha.

Linha de Pesquisa: Semiótica Discursiva

**PARNAÍBA  
2025**

C145r Caldas, Maria Erica de Sousa.

Racismo e identidade: análise semiótica do livro *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório / Maria Erica de Sousa Caldas. - 2025.

51f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras Português, campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2025.

"Orientador: Prof.ª Dr.ª Shenna Luíssa Motta Rocha".

1. Racismo. 2. Semiótica Discursiva. 3. Desilusão. 4. Semiótica das Paixões. I. Rocha, Shenna Luíssa Motta . II. Título.

CDD 469

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

Trabalho de conclusão apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), sob orientação da Professora Doutora Shenna Luíssa Motta Rocha.

Linha de Pesquisa: Semiótica

---

**Professora Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Shenna Luíssa Motta Rocha**  
**Universidade Estadual do Piauí**

---

**Professora Convidada: Esp. Iramí Soares mineiro**  
**Universidade Estadual do Piauí**

---

**Professor Convidado: Wagner dos santos rocha**  
**Universidade Estadual do Piauí**

**APROVADA EM 12 DE JUNHO DE 2025**

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e sabedoria concedidas durante esta caminhada. Aos meus pais que sempre investiram nos meus estudos e me apoiaram diante das dificuldades. Aos meus filhos que são o meu maior incentivo para não desistir.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois até aqui ele me sustentou, por ter me dado força e sabedoria para chegar até aqui. Agradeço imensamente à minha família, por todo amor, apoio, incentivo e compreensão nos momentos difíceis. Sem vocês esta conquista não seria possível. Aos meus filhos que são minha maior motivação para não desistir e lutar pelos meus sonhos, vocês são o motivo para persistir na evolução, como pessoa e profissional.

Aos meus amigos de sala, do curso de Letras Português que estiveram presentes nos momentos de dificuldades e também nos de alegria, principalmente com aqueles que criei laços fraternos que vão além da universidade. Obrigada de verdade, por cada momento de alegria, conforto, incentivo e descontração, quando mais precisei, vocês estavam lá e traziam um acalento para o meu coração com pequenos gestos. Irei sentir saudades até das nossas desavenças que sempre se resolviam.

À minha querida orientadora, Dra. Shenna Luíssa Motta Rocha, pela paciência, disponibilidade, dedicação e valiosas contribuições durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Sempre acreditou em mim, me passando confiança nos momentos de insegurança. Seu conhecimento e orientação foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

Aos professores do curso, que contribuíram diretamente ou indiretamente para minha formação pessoal, e principalmente profissional. Cada aula, cada conversa foram extremamente relevantes e deixaram marcas em mim que irei levar para minha vida e profissão. Vocês foram essenciais para que eu chegassem até aqui.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória, minha mais sincera gratidão.

Se você ainda não achou uma causa pela qual valha a pena morrer, você ainda não achou razão de viver.

Martin Luther King

## RESUMO

Este trabalho propõe uma análise semiótica do romance *O Avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, a partir da observância do percurso do sujeito Henrique, cuja vida é marcada pela vivência do racismo estrutural, exclusão e frustração identitária. Com base na teoria semiótica discursiva e nos desdobramentos da semiótica das paixões, busca-se compreender como o racismo afeta a constituição do sujeito, transformando-o em um sujeito desiludido, buscando por reconhecimento, atravessado por valores contraditórios. Para além da fundamentação teórica, a semiótica discursiva apresenta no percurso gerativo da significação o método de análise do texto. Nesse sentido, a análise considera os níveis fundamental, narrativo e discursivo na construção de sentido, evidenciando como o enunciador projetado organiza um discurso afetivo, capaz de tensionar os valores dominantes e instaurar novos regimes de significação. O objetivo é investigar, à luz da teoria citada, essa formação do sujeito desiludido e todo o seu processo de transformação até o seu trágico fim. Demonstra-se que o discurso de Henrique, embora limitado pelos discursos intolerantes e os contratos sociais, consegue ecoar, realizando uma reinvenção ética da identidade negra por meio da memória, da escuta e da resistência, tornando-se um símbolo de ressignificação e um grito de liberdade para seu filho, gerando uma identificação também com a comunidade negra. Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica, descritiva, de base qualitativa. Como fundamentação teórica, nos embasamos essencialmente em Greimas (1979), Barros (2018) e Fiorin (2018).

**Palavras-chave:** Racismo; Semiótica discursiva; Desilusão; Semiótica das paixões.

## ABSTRACT

This study presents a semiotic reading of Jeferson Tenório's novel *O Avesso da Pele* (2020), centering on Henrique's journey as he confronts structural racism, social exclusion, and identity disillusionment. Drawing on discursive semiotics and the semiotics of passions, the research examines how racist practices shape subjectivity, producing a disenchanted protagonist in search of recognition and torn by conflicting values. Methodologically, the analysis follows the generative trajectory of meaning, exploring the foundational, narrative, and discursive levels to show how the reported enunciator weaves an affective discourse that challenges dominant ideologies and establishes new regimes of signification. Tracing Henrique's transformation to its tragic conclusion, the study reveals how his voice, despite being constrained by oppressive social contracts, resonates ethically through memory, listening, and resistance. Ultimately, his discourse emerges as both an ethical reinvention of Black identity and a cry for freedom for his son, fostering solidarity within the Black community. This qualitative, descriptive, bibliographic research is grounded primarily in the work of Greimas (1979), Barros (2018), and Fiorin (2018).

**Keywords:** Racism; Discursive semiotics; Disillusionment; Semiotics of passion

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Percurso gerativo de sentido (Fiorin) .....	18
Figura 2: Capa do livro <i>O Avesso da Pele</i> .....	30
Figura 3 – Fases canônicas da trajetória do sujeito Henrique.....	36

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 A SEMIÓTICA DISCURSIVA E O PERCURSO GERATIVO DE SIGNIFICAÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>13</b>
2.1 NÍVEL FUNDAMENTAL .....	19
2.2 NÍVEL NARRATIVO.....	20
2.3 NÍVEL DISCURSIVO .....	22
<b>3 BREVE INCURSÃO SOBRE A SEMIÓTICA DAS PAIXÕES .....</b>	<b>27</b>
<b>4 CONHECENDO O CORPUS .....</b>	<b>31</b>
4.1 A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO EM O AVESO DA PELE .....	33
4.2 O PERCURSO NARRATIVO DE HENRIQUE: A BUSCA POR VALORES CONTRADITÓRIOS .....	35
4.3 SENTINDO NA PELE: OS DISCURSOS INTOLERANTES QUE CONSTITUEM O RACISMO ESTRUTURAL.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Ainda hoje, em 2025, milhares de pessoas sofrem racismo no Brasil, sendo um problema complexo e multifacetado, com raízes históricas profundas. Contudo, mesmo após a criação de leis que criminalizam tal ação, ocorre escancaradamente em vários níveis da sociedade. De fato, com a abolição da escravatura em 1888, a população negra não conseguiu os incentivos necessários para se integrar à sociedade livre, tornando-se marginalizada e excluída de forma irrecuperável, mesmo que ao longo de anos tente-se por meio de políticas públicas e projetos de lei reparar os prejuízos suscitados à população negra.

Dessa forma, o livro ‘*O Avesso da Pele*’, gratificado com o maior prêmio da literatura brasileira, o prêmio Jabuti, em 2021, apresenta um enredo que conta a história de Henrique, narrado pelo filho Pedro. Através desse, ressalta em diferentes episódios de sua vida a realidade de pessoas negras no Brasil que mesmo após a abolição da escravatura, ainda são vítimas de uma sociedade racista e propagadora de estereótipos. Decerto, a obra se destaca pela relevância e capacidade de humanizar e dar voz à luta coletiva da negritude no Brasil. Certificando e reconhecendo a sua contribuição à literatura contemporânea no país.

Este estudo é relevante para entendermos as manifestações discursivas do racismo no texto em exame, e como estas questões constituem a obra ‘*O avesso da pele*’ de Jeferson Tenório. O texto aborda de forma profunda e sensível as complexas relações raciais e as experiências compartilhadas pela negritude no Brasil. Pedro, após o assassinato do pai em uma abordagem policial, busca entender o seu passado e os motivos que o levaram para esse triste fim. Nesse sentido, o enredo se desenvolve a partir de memórias recriadas do filho sobre o pai, desencadeando não apenas grandes análises pessoais, mas de toda uma estrutura social. Por consequência, acaba por revelar que as vivências de Henrique, na verdade, não são experiências únicas, individuais, mas reproduzem fatos de uma sociedade estruturalmente racista. Perpetuando nesses indivíduos as dificuldades vividas pela população negra e a constante busca por uma construção identitária.

A análise semiótica dessa obra permitirá uma compreensão mais detalhada das relações dos significados emergentes no texto. Portanto, investigando como o autor se utiliza de recursos narrativos e discursivos como forma de consolidar

críticas sociais e reflexões sobre o indivíduo negro. A semiótica como teoria de significação é capaz de assegurar, mediante o percurso gerativo da significação, organizado nos níveis fundamental, narrativo e discursivo, uma leitura da obra voltada para a compreensão da produção de sentidos nas suas diferentes camadas textuais. Através desse percurso vamos observar a transformação do sujeito Henrique durante o curso da narrativa e a busca do sujeito ao seu objeto-valor, a liberdade. Baseando-se também na semiótica das paixões iremos buscar nos discursos presentes no texto questões que o comprovam como um sujeito passional e a evolução do sujeito sob a perspectiva da desilusão, culminando com sua morte.

Destarte, o percurso passional do sujeito a ser analisado será o do pai, Henrique. Partindo da Semiótica das paixões a fim de identificar como as emoções e sentimentos são expressos no discurso e são representados na narrativa, influenciando o desenvolvimento da narrativa. A partir desta visão, vamos observar a maneira pela qual o objetivo do sujeito (Henrique) e suas emoções motivam suas ações, como o estado de desilusão evoluiu para o desejo da morte. Portanto, ficarão evidentes as modalidades passionais (querer, poder, dever, saber), como esse jogo de sentimentos moldou sua vida e suas decisões, principalmente os sentimentos de dever e de impotência diante das adversidades e situações conflituosas.

Este estudo contribuirá para o campo acadêmico visar mais uma perspectiva, mais uma possibilidade de análise de um texto da literatura afro-brasileira contemporânea, destacando a importância de obras da atualidade que trazem discursos que representam as experiências e lutas da comunidade negra, como é o caso da violência policial e do racismo, questões centrais do debate público. Dessa maneira, o sujeito reproduzido no texto espelha um sentimento compartilhado por diferentes indivíduos da população, a desilusão. Esta pesquisa também objetiva promover uma maior conscientização sobre questões raciais que colaborem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A questão norteadora que rege esse exame é de que modo a obra *O avesso da pele*, apresenta discursivamente o racismo, e como esse fenômeno social define a narrativa no sentido de o ator do discurso buscar a morte como forma de alcançar sua liberdade. O nosso objetivo geral é investigar a significação da obra mediante a observância da paixão da desilusão no sujeito Henrique, pai do narrador, Pedro, vivenciando questões de identidade, memória e relações raciais. Este objetivo geral se divide em três objetivos específicos são eles: Identificar, no nível fundamental, a

oposição de base vida *versus* morte que rege a narrativa; compreender, no nível da estrutura narrativa, de que modo a morte passa a ser um objeto valor desejado como forma de conquistar a liberdade que não seria conseguida em vida; analisar, no nível discursivo, os temas e as figuras que concretizam o discurso sobre o racismo.

Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa, que é investigar a significação da obra *O avesso da pele* (2020), mediante a observância dos modos como a paixão da desilusão no sujeito Henrique se constitui, vivenciando questões de identidade, memória e relações raciais, decidimos adotar o método de pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, que consideramos mais apropriado para o tipo de análise que pretendemos fazer. Antes, porém, cabe-nos contextualizar o tipo de pesquisa escolhido para um melhor entendimento a respeito.

Quanto aos fins de estudo, o tipo de investigação escolhido para a realização da pesquisa qualitativa enquadra-se como descritiva. No que diz respeito aos meios de investigação, optamos pela pesquisa bibliográfica. Desta forma, avaliamos adequado o método escolhido, pois é possível dar foco na análise do sujeito nos discursos presentes no livro *O avesso da pele* (2020), desvendando a significação constituída a partir dos discursos que envolvem temas como racismo, busca pela identidade e a crescente paixão pela desilusão.

Para explorar a obra da forma que planejamos, dividimos o trabalho em quatro capítulos, o primeiro iremos adentrar o campo da semiótica discursiva e entender como funciona o percurso gerativo de significação. Em sequência, abordaremos a semiótica das paixões e sua colaboração para o entendimento das emoções e sentimentos apresentados nos textos. Posteriormente, conheceremos mais a fundo a obra em exame. No último capítulo, iremos investigar a narrativa a partir do percurso gerativo de significação e a passionalidade do sujeito analisado. O aporte teórico para esta pesquisa foi: Greimas & Fontanille (1993); Greimas e Courtes (1979); Fiorin (2007, 2018); Bertrand (2003); Barros (1988, 1995, 2009, 2011a, 2011b, 2018), Floch (2001).

## 2 A SEMIÓTICA DISCURSIVA E O PERCURSO GERATIVO DE SIGNIFICAÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES

A semiótica, como ciência dos signos, é um campo de estudo que surgiu com o desenvolvimento da filosofia e da linguística, partindo das reflexões de diversos pensadores ao longo da história. A origem da semiótica pode ser traçada desde a Antiguidade, com filósofos como Platão e Aristóteles<sup>1</sup>, que já abordavam a natureza dos signos e suas relações com a linguagem. No entanto, foi com os linguistas Charles Sanders Peirce e Ferdinand Saussure no século XIX que a teoria começou a se consolidar como disciplina autônoma, tornando-os principais precursores da semiótica moderna.

Dessa maneira, ao longo da história vários estudiosos aplicaram diferentes terminologias para a palavra, se inserindo numa série de termos afins e dessemelhantes. Na área da Linguística, Saussure logo eliminou o termo “símbolo” e o substituiu por “signo” definido como a junção de um significante e de um significado, ou ainda de uma imagem acústica e um conceito (Barthes, 2006). Com a autonomia da semiótica como área de pesquisa independente, a ciência passou a estudar tudo aquilo que significa algo, independentemente do seu formato, podendo ser palavras, gestos, imagens, sons que de alguma forma possuam um significado. Logo,

O signo é, pois, composto de um significante e um significado. O plano dos significantes constitui o plano de expressão e o dos significados o plano de conteúdo. Em cada um destes dois planos, Hjelmslev introduziu uma distinção importante talvez para o estudo do signo semiológico (e não mais linguístico apenas); cada plano comporta, de fato, para Hjelmslev, dois strata: a forma e a substância/ é preciso insistir na nova definição destes dois termos, pois cada um tem um denso passado lexical (Barthes, 2006, p. 43).

Sendo assim, a teoria semiótica se debruça sobre uma teoria da significação, sua primeira preocupação está em explicitar a forma de construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido. Em decorrência disso, ao situar-se na tradição teórica de Saussure e Hjelmslev para os quais a significação emerge da articulação de diferenças no interior de um sistema, impõe-se à teoria reunir um conjunto de conceitos estruturantes que, embora não sejam passíveis de definição

---

<sup>1</sup> Nesta obra temos uma noção da evolução dos estudos da semiótica. C.f: NOTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2003

absoluta, são indispensáveis à formulação da estrutura elementar da significação. Essa abordagem pressupõe a construção de um arcabouço conceitual rigoroso, capaz de descrever os princípios formais que regem a organização dos signos e suas correlações diferenciais, defendendo assim, a base para a compreensão dos processos de produção de sentido, nos diversos sistemas semióticos.

Segundo Courtes e Greimas (1979) “O termo semiótica é empregado em sentido diferente, conforme designe (A) uma grandeza manifestada qualquer, que se propõe conhecer; (B) um objeto de conhecimento, tal qual aparece no decorrer e em seguida à sua descrição; e (C), o conjunto dos meios que tornam possível seu conhecimento.” Assim, é a ciência que se desdobra sob vários tipos de linguagem, e por meio desta se estabelece uma comunicação entre os indivíduos. Ao discutir uma terminologia para a conjectura semiótica, Courtes e Greimas (1979, p. 411) destacam:

Pondo-nos do lado da tradição de L. Hjelmslev, que foi o primeiro a propor uma teoria semiótica coerente, podemos aceitar a definição que ele oferece da semiótica: ele considera esta como uma hierarquia (isto é, como uma rede de relações, hierarquicamente organizada) dotada de um duplo de existência, a paradigmática e a sintagmática (apreensível, portanto, como sistema ou como processo semiótico), e provida de pelo menos dois planos de articulação - expressão e conteúdo -, cuja reunião constitui a semiose. O fato de que as investigações atuais favorecem mais, sob a forma de análise de discursos e de práticas semióticas, o eixo sintagmático e os processos semióticos, em nada modifica essa definição: pode-se muito bem imaginar que uma fase ulterior da pesquisa seja consagrada à sistematização dos resultados adquiridos.

De modo que, como vemos na citação dos autores, a teoria semiótica defendida pelos estudos de L. Hjelmslev propõe uma abordagem inovadora, ao considerar qualquer forma de expressão estruturada, como linguagem. Para ele, “a base da semiótica se estabelece na linguagem como um sistema de correlações entre uma forma da expressão e uma forma do conteúdo” (Hjelmslev, 1975).

Fazendo uma incursão pelos teóricos que engendraram a semiótica do discurso, há o nome de Algirdas Julius Greimas. Considerado um teórico que começou os estudos de semiótica a partir da semântica na década de 60, faleceu nos anos 90 deixando a semiótica discursiva consolidada e com várias propostas de desdobramentos encaminhadas por outros teóricos. A semiótica desenvolvida por

ele apresenta essa divisão dos planos, mas enfatiza o plano do conteúdo como basilar para a compreensão dos discursos, mediante a observância e utilização do percurso gerativo de significação. Por isso, o foco deste estudo não é o signo em si, mas as relações derivadas dele e de todas as formas de linguagem, as quais a semiótica faz questão de salientar como texto. Dessa forma, o presente trabalho tem como seu maior objetivo, analisar o texto segundo suas formas de manifestação, através do percurso gerativo de significação, ao qual vamos nos aprofundar mais adiante. Assim sendo, tem o interesse primordial com as formas como o texto constrói seu (ou seus) sentido (s), Courtés e Greimas articulam que:

A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido (Greimas; Courtés, 1979, p.415).

Por assim dizer, é por essa semiótica que se articula uma rede de relações aos elementos do conteúdo que alcançam sentido por meio das conexões estabelecidas mutuamente. Segundo Bertrand (2003, p.21), a “Abordagem relativista de um sentido, se não sempre incompleto, pelo menos sempre pendente nas tramas do discurso.” Destarte, a teoria prioriza a apreensão dos mecanismos que a engendram, que a constituem como um todo significativo, com o propósito de “descrever e explicitar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (Barros, 2011, p.7). Logo, examina primeiramente o seu plano de conteúdo, em um viés de percurso gerativo, priorizando a análise dos mecanismos intradiscursivos de constituição de sentido. Diante disso, a análise do sentido de um texto deve ser gerativa, sintagmática e geral. Ou, nos termos de Fiorin:

Gerativa: estabelecer modelos que apreendem os níveis de invariância crescente do sentido de tal forma que se perceba que diferentes elementos do nível de superfície podem significar a mesma coisa num nível mais profundo;

Sintagmática: explicar não as unidades lexicais que entram na feitura das frases, mas a produção e a interpretação do discurso;

Geral: deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão (exemplo: o conteúdo de uma telenovela é manifestado, ao mesmo tempo, por um plano de expressão verbal, por um visual, etc.) (Fiorin, 2018, p. 16).

Isto posto, a narrativa funciona como uma coluna vertebral que equilibra valores e discurso. Podendo demonstrar as relações lógicas que o discurso manipula com a finalidade de produzir efeitos de sentido. Nesse contexto, a semiótica oferece modelos (enunciativos, narrativos, figurativos e passionais) para análise. A concepção de discurso como interação entre os sujeitos (enunciador e enunciatório) foi cada vez mais se aproximando da realidade da linguagem em ato, definindo e estreitando progressivamente o estatuto e a identidade de seu sujeito.

De fato, a semiótica insere-se no campo das teorias que se preocupam com o texto, se definindo de duas formas que se complementam: pela organização e estruturação, que o transforma em um “todo de sentido” e sendo um objeto de comunicação que se instaura entre destinador e destinatário. A primeira noção de texto que o considera objeto de significação, tem se atribuído o nome de análise interna ou estrutural do texto. Diferentes teorias se embasam nessa análise de texto, partindo de princípios e com métodos e técnicas diferentes, a semiótica é uma delas. Existe a segunda concepção que define o texto, como um objeto de comunicação entre dois sujeitos, assim o texto é concebido no meio de objetos culturais, em uma sociedade (de classes) e determinado por questões ideológicas específicas. Teorias diversas também buscam estudar essa perspectiva de análise textual, levando em consideração o que se costuma nomear, análise externa do texto. Muitas são as discordâncias sobre essas duas linhas de pesquisa, entretanto:

o texto só existe quando concebido na dualidade que o define — objeto de significação e objeto de comunicação — e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido (Barros, 2011, p. 8).

No seu desenvolvimento mais recente a semiótica busca conciliar esses dois aspectos, proporcionando o mesmo aparato teórico-metodológico para explicitar os procedimentos da organização textual e os mecanismos enunciativos de produção e recepção textual. A teoria leva em consideração três quesitos importantes sobre o texto: o contexto, a expressão e a percepção. De fato, o contexto para a semiótica não está externo ao texto, mas presente nele, pois se existe algo além do próprio texto, são outros textos vinculados a ele. Para isso, possui recursos organizados para exame desse contexto, admitindo caráter parcial, precisando definir bem de que

contexto especificamente estamos nos referindo. No tocante a isso, Diana Barros esclarece:

O primeiro (tipo de contexto), mais imediato e que será chamado contexto situacional, é constituído por textos claramente metalingüísticos, em relação ao texto que contextualizam. Tomam-no, portanto, antes ou depois de sua produção, como objeto de uma metalinguagem natural ou científica. Esse tipo de contexto caracteriza a situação de enunciação espacial e temporalmente, servindo para localizar, no tempo e no espaço, o produtor e o receptor e, a partir daí, o sujeito da enunciação. Determina o que o enunciador pensa de seu discurso, do enunciatário, dos objetivos da produção, do ato de produzir, assim como as razões que levaram à fabricação do texto [...] (Barros, 1988, p. 144).

É fundamental compreendermos como os diferentes textos que integram uma obra interagem entre si para constituir um novo texto. Nessa rede de interrelações, buscamos entender os sentidos que emergem dessa construção.<sup>2</sup> Como expressa Mikhail Bakhtin: “Um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo.” (Bakhtin, 2017, p. 67).

Dessa forma, os textos são construídos em vias de mão dupla que colaboram para sua organização. Nenhum texto é completamente autônomo: participando de uma rede de vozes, uma teia de discursos anteriores e simultâneos com os quais mantém uma relação dinâmica. Essa interdependência entre os textos é o que permite o dialogismo, no sentido mais profundo: não apenas de uma conversa, mas de uma tensão produtiva entre diferentes enunciados, posições ideológicas e contextos históricos. Cada novo texto carrega marcas desse contato e se posiciona em relação a eles, mesmo que implicitamente. Nesse sentido:

Pode-se caminhar nessa direção e executar a análise contextual, desde que o contexto seja entendido e examinado como uma organização de textos que dialogam com o texto em questão. Assim concebido, o contexto não se confunde com o “mundo das coisas”, mas se explica como um texto maior, no interior de que cada texto se integra e cobra sentido.

---

<sup>2</sup> Pensamentos baseados em C.f: Tese de Doutorado: ROCHA, Shenna Luíssa Motta. **Perdição e salvação em Reino de Babilônia: uma análise semiótica da figurativização e da persuasão.** Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Reconstrói-se a enunciação, por conseguinte, de duas perspectivas distintas e complementares: de dentro para fora, a partir da análise interna das muitas pistas espalhadas no texto; de fora para dentro, por meio das relações contextuais – intertextuais do texto em exame. A enunciação assume claramente, na segunda perspectiva, o papel de instância mediadora entre o discurso e o contexto sócio-histórico (Barros, 2011, p. 83).

Em síntese, o diálogo criado entre diferentes textos dentro das narrativas é essencial para compreender que o texto é sempre um lugar de encontro de discursos, e sua significação apenas se realiza plenamente nesse espaço de interação. A teoria semiótica se ocupa no exame do texto procurando explicar o ou os sentidos dele, se baseando, em primeiro lugar, no seu plano de conteúdo. “Para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo.” (Barros, 2011, p. 9). O percurso gerativo de sentido, estabelece níveis de análise, indo do mais simples e abstrato ao mais concreto e profundo. Conforme aponta Barros (2011, p. 9):

A noção de percurso gerativo do sentido é fundamental para a teoria semiótica e pode ser resumida como segue:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Contextualizando a citação anterior, Fiorin (2018, p.17-44) aponta esse percurso como de suma importância para a teoria. A grande contribuição da semiótica discursiva refere-se a uma metodologia direcionada para a leitura e a análise de textos em que, segundo sua proposta, é possível analisar um texto a partir de níveis. Percebe-se que a semiótica discursiva oferece subsídios para análise dos enredos narrativos, o que contribuirá para a compreensão dos efeitos produzidos pelo texto.

Cada nível apresenta um prosseguimento de patamares suscetíveis de receber uma descrição adequada por meio de componentes sintáticos e semânticos específicos, como podemos observar de acordo com a imagem abaixo:

Figura 1 – Percurso gerativo de sentido (Fiorin)

		Componente Sintático	Componente Semântico
Estruturas sêmio-narrativas	Nível profundo	Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
	Nível de superfície	Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
Estruturas discursivas	Sintaxe discursiva Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)		Semântica discursiva Tematização Figurativização

Fonte: *Elementos da análise do discurso* (Fiorin, 2018, p. 20)

## 2.1 NÍVEL FUNDAMENTAL

O nível fundamental compreende as oposições semânticas básicas que estruturam o sentido antes mesmo de ele ser organizado em narrativas ou discursos, operando com categorias abstratas e binárias. De acordo com Fiorin, “Os termos de uma categoria semântica mantêm entre si uma relação de contrariedade. São contrários os termos que estão em relação de pressuposição recíproca” (Fiorin, 2018, p. 22). Essas oposições são chamadas de categorias fundamentais ou valores semânticos, essas relações demonstram como significados se articulam e se opõem.

Essas oposições estruturam a narrativa inteira, mesmo que não seja explicitamente dita. A partir dela se desenvolvem as ações e os sujeitos (nível narrativo) e os modos de expressão (nível discursivo). Dessa forma, esclarece as ideias básicas que sustentam um discurso, mesmo que essas nunca apareçam diretamente no texto, permitindo entender como o sentido é desenvolvido desde suas bases mais abstratas. “A semântica e a sintaxe do nível fundamental apresentam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da

produção, do fundamento e da interpretação do discurso" (Fiorin, 2018, p. 24).

Desse modo, cada um dos elementos da categoria semântica base de um texto recebe a qualificação semântica: /euforia/ versus /disforia/, usados para qualificar o valor emocional ou axiológico (positivo ou negativo) associado aos conteúdos semânticos. "O termo ao qual foi aplicada a marca /euforia/ é considerado um valor positivo; aquele a que foi dada a qualificação /disforia/ é visto como um valor negativo. (Fiorin 2018, p.23). Esses valores expressam, por exemplo, o que é desejável ou indesejável, o que deve ser buscado ou evitado. Por exemplo: opressão versus liberdade, amor versus ódio. Diante disso, valores ou categorias opostas não possuem valorização fixa, o texto é que ditará se é um conceito positivo ou negativo.

Em suma, o nível fundamental é o ponto de partida da produção de sentido. Ele constitui o alicerce invisível que organiza os valores, oposições e tensões que mais tarde serão articulados em formas narrativas e, finalmente, manifestados nos discursos concretos. Compreender esse nível é essencial para interpretar os sentidos mais profundos de um texto, revelando os valores culturais, afetivos e ideológicos que o sustentam.

## 2.2 NÍVEL NARRATIVO

Dentro da teoria da semiótica discursiva, o nível narrativo ocupa a posição intermediária no percurso gerativo de significação, entre o nível fundamental e o nível discursivo. Ele é responsável por estruturar o sentido como ação, organizando os elementos do texto segundo esquemas narrativos. Primeiramente é importante ressaltar uma objeção referente ao nível narrativo, é quando se diz que nem todos os textos são narrativos. Na verdade, é crucial fazer-se uma diferenciação entre narratividade e narração. "Aquela é componente de todos os textos, enquanto esta concerne a uma determinada classe de textos." (Fiorin, 2018, p. 27). Portanto, a narratividade é uma transformação presente entre dois estados diferentes e sucessivos que determina um estado inicial e um estado final da narrativa.

Nesse nível, o sentido não é mais apenas uma oposição abstrata, mas se manifesta por meio de programas narrativos, em que sujeitos realizam ações para alcançar determinados objetos de valor. Logo, o nível narrativo irá tratar de onde se organiza a narrativa do ponto de vista de um sujeito, implicando sempre a sucessão, o encadeamento e a transformação dos estados (sujeito de estado x sujeito do fazer).

Existem dois tipos de enunciados elementares na sintaxe narrativa: “enunciados de estado: são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto. [...] enunciados de fazer: são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro.” (Fiorin, 2018, p.28)

Dessa maneira, as narrativas podem tanto iniciar com o seu sujeito no estado inicial em disjunção com seu objeto valor e no estado final conseguindo ficar em conjunção, como também pode ocorrer o contrário, iniciar em conjunção e finalizar em disjunção. Por exemplo: Em uma narrativa de amor, X quer entrar em conjunção narrativa com Y, X não consegue (existe um obstáculo), X passa a poder fazê-lo (obstáculo é removido), o amor realiza-se.<sup>3</sup> De fato, os textos são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de ser e de fazer estão organizados hierarquicamente. Consequentemente, “Uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção” (Fiorin, 2018, p. 29).

Em outras palavras, o programa narrativo organiza o desejo e a atuação do sujeito, detalhando como ele age para subverter uma situação. Na manipulação o sujeito é convocado ou motivado a agir. Alguém (o destinador) propõe ou impõe ou sugere a realização de uma tarefa. Na fase da competência, o sujeito adquire as condições necessárias para agir. Isso pode incluir força, coragem, informações, ou apoio de adjuvantes.<sup>4</sup> A performance é o momento da ação propriamente dita: o sujeito realiza a tarefa ou enfrenta o desafio. É nesse momento que ocorre a mudança de um estado para o outro, a transformação central da narrativa. A última fase é a sanção, aqui acontece a constatação da realização da performance e uma avaliação do resultado da ação do sujeito, o qual é recompensado ou punido, dependendo do sucesso ou fracasso.

A narrativa pode pôr em ação um jogo de máscaras: segredos que devem ser desvelados, mentiras que precisam ser reveladas, etc. É na fase da sanção que ocorrem as descobertas e as revelações. É, nesse ponto da narrativa, por exemplo, que os falsos heróis são

<sup>3</sup> Nesta obra é abordado mais profundamente esta questão de disjunção e conjunção. C.f: FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2018.

<sup>4</sup> Adjuvante designa o auxiliar positivo quando esse papel é assumido por um ator \* diferente do sujeito de fazer: corresponde a um poder-fazer individualizado que, sob a forma de ator, contribui com o seu auxílio para a realização do programa \* narrativo do sujeito \*; opõe-se paradigmaticamente, a oponente \* (que é o auxiliar negativo).

desmascarados e os verdadeiros são reconhecidos (Fiorin, 2018, p. 31).

Essas fases não acontecem numa sucessão temporal, mas se desencadeiam a partir de pressuposições lógicas. As narrativas realizadas nem sempre são bem arranjadas como explicitado, porque muitas fases ficam ocultas, mas podendo ser recuperadas através de pressuposição. Pode suceder uma narrativa que não se realiza completamente, ou dar preferência por relatar mais profundamente uma das fases. Até o momento nos preocupamos em explorar a sintaxe narrativa, mas não podemos esquecer da importância da semântica narrativa que se ocupa dos valores inscritos nos objetos.

Os primeiros são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, são aqueles elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os segundos são os objetos com que se entra em conjunção ou disjunção na performance principal. É preciso, no entanto, atentar para o fato de que o valor do nível narrativo não é idêntico ao objeto concreto manifestado no nível mais superficial do percurso gerativo. O valor do nível narrativo é o significado que tem um objeto concreto para o sujeito que entra em conjunção com ele (Fiorin, 2018, p. 37).

Um sujeito pode ter um grande desejo (objeto de valor), mas se não tiver as condições modais (saber, poder, dever, querer), ele não poderá alcançar esse valor — e isso gera conflito, motor essencial da narrativa.

### 2.3 NÍVEL DISCURSIVO

E por último, existe o nível discursivo a partir do qual se observam o encadeamento de temas e figuras e os seus efeitos de sentido. É nesse nível que as estruturas abstratas do nível narrativo são materializadas em um discurso concreto, assumindo forma linguística, visual, sonora ou sincrética. Nesse nível entram em cena as escolhas que dizem respeito ao modo de enunciação e à expressão do conteúdo. Portanto, o sentido é percebido pelo enunciatário, é o nível da sensibilidade, da estética, da cultura. Aqui se concretizam os valores, as paixões, os modos de vida e os posicionamentos ideológicos. Barros explica:

Temas e figuras constituem a semântica discursiva: os temas são os conteúdos semânticos tratados de forma abstrata, e as figuras, o investimento semântico-sensorial dos temas. Os temas e figuras são determinados sócio-historicamente e trazem para os discursos o

modo de ver e de pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais, assegurando assim o caráter ideológico desses discursos (2009, p. 352-353).

Desse modo, um discurso pode trabalhar com um ou mais temas simultaneamente, e muitas vezes esses temas derivam diretamente de oposições do nível fundamental. A figura é a forma sensível e concreta que encarna um tema. E é por meio das figuras que os temas se tornam legíveis no discurso. A relação entre eles não é fixa e única, um mesmo tema pode ser figurativizado de formas diferentes conforme o contexto cultural, o gênero do discurso e a intenção do enunciador. Consequentemente, a enunciação é o ato de produção do discurso, pressuposta pela instância do enunciado. Para Fiorin:

A enunciação define-se como a instância de um eu-aqui-agora. O eu é instaurado no ato de dizer: eu é quem diz eu. A pessoa a quem o eu se dirige é estabelecida como tu. O eu e o tu são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. Ambos constituem o sujeito da enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo eu na construção do enunciado. Com efeito, a imagem do enunciatário a quem o discurso se dirige constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto. O eu realiza o ato de dizer num determinado tempo e num dado espaço. Aqui é o espaço do eu, a partir do qual todos os espaços são ordenados (aí, lá, etc.); agora é o momento em que o eu toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada (2018, p.56).

Por meio disso, a enunciação é a instância que torna habitável o enunciado de pessoas, de tempos e espaços. Sendo elas analisadas a partir de três procedimentos de discursivização, nomeados de desembreagem, a actorialização, a espacialização e a temporalização. De acordo com Barros (2011, p. 54): “A enunciação projeta, para fora de si, os actantes e as coordenadas espaço-temporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo da enunciação. Essa operação denomina-se desembreagem e nela são utilizadas as categorias da pessoa, do espaço e do tempo”.

Dito isto, as desembreagens são o ato de deslocar o discurso de um centro enunciativo original, é como se o enunciador “saísse de cena” para dar lugar a outras vozes, tempos e pontos de vistas. Sua função central é criar a ilusão de verdade e persuadir seu destinatário do que é verdadeiro (ou falso). Há dois efeitos básicos

produzidos no interior dos discursos responsáveis por convencerem de sua verdade, são o de proximidade ou distanciamento que cabe a enunciação e o de realidade ou referente. Ainda sobre a proximidade ou distanciamento, a autora Diana Luz Pessoa de Barros ressalta que:

O narrador é o delegado da enunciação no discurso em primeira pessoa. O sujeito da enunciação atribui ao narrador a voz, isto é, o dever e o poder narrar o discurso em seu lugar. Assim instalado, o narrador pode, por sua vez, ceder internamente a palavra aos interlocutores. A delegação interna de voz é outro dos recursos discursivos de produção de efeitos de sentido. Utiliza-se, muitas vezes, para atribuir ao outro a responsabilidade discursiva, já antes mencionada. Os jornais, por exemplo, põem, com freqüência, palavras não ditas na boca de suas personagens, para criar essa ilusão. As delegações de voz internas, no entanto, concernem mais diretamente o efeito de sentido de realidade ou de referente... (2011, p.57).

Por consequência, cabe aos efeitos de realidade ou referente entender, “as ilusões discursivas de que os fatos contados são “coisas ocorridas”, de que seus seres são de “carne e osso”, de que o discurso, enfim, copia o real.” (Barros, 2011, p. 58). Esses são comumente construídos a partir de procedimentos da semântica discursiva e não da sintaxe, oposto ao que acontece com os efeitos de enunciação. Para a autora, tal recurso nomeia-se ancoragem e:

Trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como “reais” ou “existentes”, pelo procedimento semântico de concretizar cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso, preenchendo-os com traços sensoriais que os “iconizam”, os fazem “cópias da realidade”. Na verdade, fingem ser “cópias da realidade”, produzem tal ilusão (Barros, 2011, p. 58).

A ancoragem actancial, temporal e espacial, juntamente com a delegação interna de voz, são mecanismos utilizados para produzir o efeito de ilusão de referente ou de realidade. No entanto, esse efeito também pode ser compreendido de forma inversa: como uma impressão de irrealidade ou de ficção, sugerindo que tudo é fruto da imaginação ou, ainda, que o real só existe enquanto construção discursiva.

De fato, ao analisar as projeções da enunciação possibilita compreender o discurso como uma construção elaborada por um sujeito que busca organizar seu objeto discursivo e alcançar determinado propósito. Cabe, ainda, tratar dos mecanismos argumentativos que, na sintaxe do discurso, caracterizam a

comunicação como um ato de manipulação entre o enunciador e o enunciatário. De modo que:

Enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis de destinador e de destinatário do discurso. O enunciador define-se como o destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer. A manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo e a ação subsequente. Tanto a persuasão do enunciador quanto a interpretação do enunciatário se realizam no e pelo discurso. Para conhecer esses fazeres e, consequentemente, o enunciador e o enunciatário, torna-se necessário, portanto, analisar o texto em todos os níveis do percurso gerativo. É certamente no nível das estruturas discursivas que mais se revelam as relações entre enunciador e enunciatário, que há mais pistas da enunciação (Barros, 2011, p. 60-61).

Assim sendo, dois elementos centrais da manipulação devem ser considerados: o contrato entre o enunciador e o enunciatário, e os recursos utilizados para a persuasão e a interpretação. Por meio desse contrato, o enunciador orienta a maneira como o enunciatário deve interpretar o discurso — como ele deve “ler a verdade”. Para isso, o enunciador organiza no texto um conjunto de marcas veridictórias, indícios que precisam ser identificados e interpretados pelo enunciatário. Na escolha dessas pistas, o enunciador leva em conta a natureza relativa da “verdade”, considerando sua variação conforme o tipo de discurso e os valores culturais e sociais do público. Já o enunciatário, para compreender o discurso, deve localizar essas marcas, relacioná-las aos seus próprios saberes e crenças, e então decidir se aceita ou não o conteúdo como verdadeiro.

Sobre a semântica discursiva é crucial destacar que no nível discursivo, os valores adotados pelo sujeito da narrativa são expressos por meio de percursos temáticos e ganham concretude através de representações figurativas. Assim sendo, existem dois procedimentos semânticos do discurso: tematização e figurativização.<sup>5</sup> A respeito de tematizar um discurso, significa formular seus valores de forma abstrata e estruturá-los em percursos. Em outras palavras, esses percursos se constroem a partir da repetição de traços semânticos, ou semas, compreendidos em

---

<sup>5</sup> Tematizar é escolher de que se vai falar e qual valor cultural ou simbólico será explorado no discurso, enquanto a figurativização é processo pelo qual os temas abstratos ganham forma sensível ou imagética C.f: BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2011.

um nível abstrato. No que concerne a figurativização, figuras de conteúdo são aplicadas aos percursos temáticos abstratos, conferindo a eles características sensoriais e concretas.

Em síntese, os temas se distribuem ao longo do texto e são revestidos por figuras. A repetição dos temas e a presença constante das figuras no discurso caracterizam o que se chama de isotopia<sup>6</sup>. A qual ao garantir a repetição de elementos, sustenta a progressão linear do discurso e assegura sua coerência do ponto de vista semântico<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> É a reiteração de quaisquer unidades semânticas (repetição de temas ou recorrência de figuras) no discurso, o que assegura sua linha sintagmática e sua coerência semântica. C.f: BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2011.

<sup>7</sup> Sobre o nível discursivo nos baseamos em C. f. SOUSA, Werik. **Vida e morte na poética Florbeliana: uma análise semiótica da obra livro de mágoas**. Monografia (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2024.

### 3 BREVE INCURSÃO SOBRE A SEMIÓTICA DAS PAIXÕES

A semiótica das paixões, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e Jean Marie Floch, fornece uma estrutura teórica para analisar as emoções e sentimentos manifestados em textos de diversas tipologias, e de diversas esferas, incluindo a literária. Primeiramente, a semiótica privilegiou as estruturas da ação, procurando explicar as transformações com foco sobre as ações dos sujeitos e os objetos envolvidos — aquilo que se pode observar e descrever de maneira concreta, ou seja, os chamados “estados das coisas”. Esses elementos compõem o núcleo das narrativas e dos discursos, estruturando o enredo a partir de objetivos, conflitos e resoluções. Não era nesse momento do interesse da semiótica entrar nas questões subjetivas, cujo viés psicológico terminava por guiar as interpretações do sujeito que sofria essas transições, e que passava por diferentes “estados de alma” diante da sua relação com o objeto-valor e com outros sujeitos (destinatário, anti-sujeito). Com a semiótica das paixões, essa abordagem é ampliada para incluir esses estados de alma — os afetos, emoções e disposições internas dos sujeitos.

Nesse contexto, sentimentos como tristeza, amor, medo ou raiva deixam de ser apenas consequências das ações e passam a ser produtores de sentido dentro dos textos e discursos. A emoção, portanto, é tratada como um elemento estruturante e passível de análise semiótica. De certo modo, os avanços nos estudos sobre a modalização do ser contribuíram para o desenvolvimento da semiótica das paixões, diferentemente da lógica e da psicanálise, voltando-se para a descrição do processo, procurando oferecer às paixões, lexemas e às expressões discursivas definições sintáticas. Baseando-se no conceito de percepção de sensações, mas atribuindo-o a um caráter inteligível. Observamos que:

A colocação em discurso é a efetuação mesma dessa convocação enunciativa, mas ela é mais que isso: na verdade, ela não se contenta em explorar em sentido único os componentes de dimensão epistemológica; ela engendra por si mesma, e porque é uma prática histórica e cultural, isto é, socioletal (e, em certa medida individual-idiioletal), formas que se fixam, se transformam em estereótipos e se remetem “a montante”, para ser de algum modo integradas à “língua”; ela constitui, assim, um repertório das estruturas generalizáveis - que se poderia talvez designar como “primitivos”, por oposição aos “universais” - que funcionam no interior das culturas e dos universos individuais, e que a enunciação, por sua vez, pode convocar nos discursos realizados (Greimas; Fontanille, 1993, p.13).

Ao estudar os valores aplicados pelos sujeitos no objeto, foi possível constatar outros estados de alma desses sujeitos. É nesse momento que a teoria dedica-se a investigar a semiótica das paixões. As paixões são “estados de alma” e a literatura sobre o assunto mostra que um “estado das coisas” leva a um “estado das almas”. Na obra *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma* (1993), os autores propõem uma ampliação da semiótica tradicional para incluir os estados afetivos dos sujeitos, denominados “estados de alma”. Em síntese, estuda a busca do sujeito por seus objetos-valores, assim os estados de alma surgem porque esses sujeitos tentam entrar em conjunção com seus objetos-valores. As paixões podem ser definidas como modalizações do “ser” dos sujeitos de estado narrativos que no nível discursivo, aparecem concretizados por lexemas.

A semiótica do sujeito passional busca dentro do sistema interligar um nível social a um nível individual. Dessa maneira, o sujeito individual serve apenas como característica potencial, mas determinante de um estilo semiótico que levanta hipóteses para determinadas escolhas desse sujeito. A partir disso é exposta a percepção de que um apontado modo de ser condiz a um estilo normal ou excessivo/insuficiente, dependendo da cultura em que se insere. O sujeito também pode auto-modalizar-se imputando-se dos valores da cultura a qual está presente para julgar seus atos como excessivos ou insuficientes.

De fato, a teoria distingue 4 modalidades diferentes: o querer, o ser, o dever ser, o saber ser e o poder ser: essas modalizações, como já foi dito, são oriundas da análise do nível narrativo. Nessa perspectiva, os estados e as transformações se definirão respectivamente nesse nível como as zonas isoladas por somação no desenvolvimento guiado pelo devir e como responsáveis por levarem o sujeito de um estado ao outro. Dessa maneira, existem as estruturas modais que são a primeira operação modalizante que consiste em negação do dever pelo querer. Ao analisar além das investigações de arranjos modais, permite-se um aprofundamento da análise discursiva como um todo, e não apenas fragmentos ligados diretamente ao sujeito de estado. Sendo assim, é necessária uma investigação sobre relações actanciais do discurso, dos programas e dos percursos narrativos e não exclusivamente dos arranjos de modalidades. Segundo Barros (1995, p. 52):

Para explicar as paixões, é necessário, portanto, recorrer às relações actanciais, aos programas e aos percursos narrativos. Só assim se pode determinar o sujeito que quer ser, o objeto do seu desejo, o

sujeito em que o outro crê, o destinador a quem o sujeito passional quer fazer mal ou bem e assim por diante. A complexidade das paixões depende em grande parte das estruturas narrativas. Em outras palavras, as paixões não são propriedade exclusiva dos sujeitos, mas dos discursos inteiros.

É desse modo que a semiótica distingue dois tipos de paixões, as simples e as complexas. As simples são derivadas do arranjo modal oriundo da relação entre sujeito e objeto, enquanto as complexas são aquelas derivadas de toda uma organização narrativa patêmica anterior. As paixões complexas pressupõem a existência de todo um percurso modal e de uma sucessão de estados de alma. Sobre as paixões complexas, Barros (2011, p. 61) explica:

As modalidades se organizam em uma configuração patêmica e desenvolvem percursos. Os percursos modais sofrerão a variação tensiva própria da organização narrativa e caminharão da tensão passional ao seu relaxamento e vice-versa.

Sendo assim, com a criação de uma teoria da semiótica das paixões, concebida através de um compilado de modalidades determinado através do tipo de objeto, sua ausência ou presença, pela modulação tensiva, pela temporalização, pela aspectualização, irá tratar dos chamados estados de alma. Dessa maneira, adentramos o íntimo do sujeito e com esse tipo de objeto identificamos algumas das paixões humanas. Portanto, as marcas da enunciação no enunciado evidenciam a imagem do enunciador para o leitor. A partir deste viés teórico e metodológico o sujeito narrativo é visto da perspectiva transformadora, em que o desenvolvimento narrativo se justifica a partir da visão da transformabilidade que concebe, por trás de uma interpretação, um horizonte de sentidos. Nesse caso, a língua é vista como um fato social, como manifestação do espírito humano. A vida captada e encenada como discurso.

Nessa perspectiva, a transformação é uma competência modal do sujeito narrativo que torna possível sua evolução, possibilitando a sua execução. O *ethos* se torna evidente a partir da enunciação enunciada, ou seja, nas suas marcas:

Portanto, a análise do ethos do enunciador nada tem do psicologismo que, muitas vezes, pretende infiltrar-se nos estudos discursivos. Trata- se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O ethos é uma imagem

do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito. O sujeito da semiótica é um efeito do discurso, no sentido exposto aqui, e não um sujeito-origem (Fiorin 2007, p. 29-30). Em suma, para a semiótica, os sentidos dos textos são construídos partindo das relações histórico-sociais, sendo examinadas de três diferentes perspectivas: pela análise da organização linguístico-discursiva dos textos, sobretudo pelos seus percursos temáticos e figurativos; pela investigação das relações intertextuais e interdiscursivas com os quais o texto e o discurso mantêm vínculo dialógico; pela interação entre duas semióticas, a do mundo natural e a das línguas naturais, que devem ser observadas além do nível das palavras e das coisas, mas no das unidades elementares da sua composição.

De fato, a semiótica de linha francesa se detém na observância do processo de geração da significação naquilo que concerne o percurso do sujeito, bem como ao estudo das paixões que definem esse percurso. Dessa forma, a semiótica das paixões seguiu por um caminho de afastamento a qualquer possibilidade de análise que caminhasse a uma discussão de natureza metafísica, buscando compreender conceitos operatórios passíveis de serem usados no exame dos afetos lexicalizados, ou seja, modelos de previsibilidade, sistema conotativo que permitem reconhecer interações passionais já moldadas pelo uso. Sendo assim, buscando fornecer um caminho próprio para a análise discursiva das paixões, a partir de seu percurso sintagmático de configuração. Como explica Fontanille (2002, p. 601), "Falar de sentimentos, afetos, paixões e estados de alma, no campo das ciências da linguagem, nas décadas de 1950 e 60, era cometer mais que um erro, era um mau gosto, quando não um grave disparate científico". Essa citação demonstra como foi difícil colocar o tema das paixões em pauta numa teoria objetiva, como a semiótica.

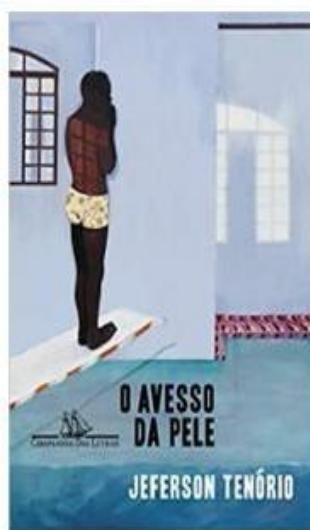
Com base em teorias linguísticas, antropológicas e mesmo filosóficas, os estudos iniciais da disciplina se dirigiam, então, às questões de concepção lógica de estruturação dos discursos, resultando na elaboração do percurso gerativo do sentido. Por meio disso, as transformações narrativas, a dimensão do fazer dos enunciados, ocupou um papel de destaque. Nesse primeiro momento da semiótica, os seres do enunciado, os personagens foram destituídos de todo e qualquer revestimento figurativo e concerniam-se somente com a função narrativa. Os estudos posteriores trouxeram à tona a teoria das modalidades, que rapidamente se expandiu e teve maior interesse dos semióticos. Referindo-se a um aperfeiçoamento da análise dos textos, no qual os estados, anteriormente vistos apenas como marcos das transformações, promoviam agora, os primeiros sinais de sua relevância enquanto núcleos de

significação paralelamente à ação.

#### 4 CONHECENDO O CORPUS

O *Avesso da pele*, publicado em 2020 é um romance brasileiro que apresenta a narrativa de Henrique, professor de Língua Portuguesa da rede públuca, contada pelo seu filho, Pedro, um jovem negro que busca entender quem foi seu pai, e os motivos que fizeram com que o professor fosse assassinado pela polícia. A obra de literatura brasileira contemporânea, escrita por Jeferson Tenório, conquistou o prêmio Jabuti 2021 na categoria melhor romance literário. A narrativa aborda temas como racismo, memória, violência e afeto.

Figura 2: Capa do livro *O Avesso da Pele*



Fonte: TENÓRIO, Jeferson. *O Avesso da Pele*. São Paulo: Editora Companhia das Letras 2020.

Embora o exame do plano da expressão não esteja entre os objetivos do presente estudo, acreditamos ser necessário ao menos referenciá-lo no que tange aos elementos próprios do tema a ser analisado no plano do conteúdo. Desse modo, consideramos que a capa de *O Avesso da Pele* agrega elementos essenciais para a compreensão da narrativa. Nela podemos observar um homem negro prestes a dar um mergulho na piscina. Trata-se da pintura de Antonio Obá, intitulada *Trampolim*, da série *Banhistas*. Em que se observa a metáfora presente na obra, como a busca por identidade, a memória e os efeitos do racismo. O texto visual estabelece relação direta com a profundidade emocional e social abordada no texto verbal.

Esses aspectos fazem com que a capa da obra seja, por si só, um elemento narrativo importante, revelando as camadas de significação que o livro traz. O texto visual suscita o mergulho profundo e intenso do sujeito no seu próprio eu interior, tema também do texto verbal, homologando-se, nas leituras dos planos da expressão visual e do conteúdo, respectivamente. Acreditamos que seja adequado que o texto visual apresentado como capa da obra mereça atenção mais detida e minuciosa, procedimento que, por questões de tempo e espaço, não conseguiremos desenvolver no atual estudo. Mas preferimos citá-la, ainda que brevemente, como forma de validar sua importância para a compreensão da obra naquilo que ela muito bem representa para as questões da construção da identidade negra, em ambas as formas de manifestação.

A obra é dividida em quatro partes: *A pele*, *O avesso*, *De volta a São Petersburgo* e *A barca*. Em *A pele*, conhecemos Pedro, que busca reconstruir a história de seu pai, Henrique, um professor negro assassinado durante uma abordagem policial. A seção explora a relação entre pai e filho, destacando o impacto do racismo e da violência policial na vida de famílias negras, reconstituindo a infância de Henrique e os episódios de racismo desde cedo, e sua trajetória como educador. Em seguida, está a seção *O Avesso* que adentra nas complexidades das relações familiares e afetivas. Explora as vivências de Martha, mãe de Pedro, incluindo seu primeiro casamento, revelando-o bastante conturbado e abusivo com Vitinho e as dificuldades enfrentadas como mulher negra em uma sociedade racista e machista. Por conseguinte, é abordado o relacionamento de Henrique e Martha, revelando as tensões e os desafios que marcaram essa união.

No capítulo *De volta a São Petersburgo* a narrativa concentra-se na carreira de Henrique como professor de literatura. Desiludido com o sistema educacional e a sociedade em geral. A seção relata diversos episódios de abordagens policiais sofridas pelo professor ao longo de sua vida, mais uma vez evidenciando a violência e o racismo institucionalizados. Na parte final, *A barca*, Pedro adota uma perspectiva mais onisciente para decifrar a mente do policial que assassinou o pai. A narrativa descreve os pesadelos do policial, nos quais ele é confrontado por homens negros, simbolizando sua culpa e os estereótipos racistas que carrega. A seção culmina na reconstituição do momento da morte de Henrique, oferecendo uma reflexão profunda sobre a violência policial e suas consequências.

#### 4.1 A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO EM O AVESSO DA PELE

Nessa permissa analisaremos a presente obra a partir de um modelo de representação de sentido que, como vimos, passa por diferentes níveis, denominado o percurso gerativo de significação, que favorece a interpretação dos textos de maneira mais rica e complexa. É nesse meio que se distinguem dois grandes tipos de etapas nesse percurso, são elas: as estruturas semio-narrativas e as estruturas discursivas. De modo que:

As estruturas discursivas são as etapas pelas quais passa a significação, a partir do momento em que o sujeito, denominado “enunciador” (e sobre o qual se voltará ainda a falar) seleciona e ordena estas virtualidades oferecidas pelo sistema. É aí que o enunciador fixará as grandes oposições que atravessarão toda a obra e garantirão a sua homogeneidade; é aí que ele escolherá fazer exercer determinada função narrativa por uma ou mais personagens; é aí ainda que ele optará seja por deixar o seu enunciado com um caráter abstrato ou, ao contrário, por dar-lhe um caráter mais figurativo, ou até mais “verdadeiro”. As estruturas semio-narrativas são as virtualidades mesmas que o sujeito enunciante articula e explora. Elas são, portanto, no percurso gerativo da significação, anteriores às estruturas discursivas (Floch, 2001, p.16).

Isto posto, a construção de significação em *O avesso da pele*, se dá por meio de um trabalho cuidadoso com a linguagem, a estrutura narrativa e os recursos discursivos que articulam questões identitárias, raciais e afetivas em um contexto marcado por desigualdade e violência simbólica. Assim sendo, embora o romance seja narrado por Pedro, Henrique é o sujeito que organiza o discurso em torno de si, e é sua ausência/presença que estrutura o processo de significação. Mesmo morto, ele funciona como o sujeito do discurso, sendo um enunciador reportado, um tipo de voz que continua falando por meio das marcas deixadas: ideias, valores e gestos.

Na obra *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*, de José Luiz Fiorin, o autor aborda a questão do enunciador que enuncia a voz de outra pessoa ao discutir os diferentes níveis de enunciação e as estratégias de discurso reportado. Introduzindo o conceito de locutor, ele afirma: “Locutor é a voz de outrem que ressoa num enunciado de um narrador ou de um interlocutor. Assim, o locutor é a fonte enunciativa responsável por um dado enunciado incorporado no enunciado de outrem.” (Fiorin, 2016, p.70).

Portanto, suas análises fornecem fundamentos para compreender como o

sujeito da enunciação é construído e percebido no discurso. O autor explora o discurso reportado, caracterizando-o como a inclusão de enunciação dentro de outra.

Desse modo, o romance constrói sentido não apenas narrativamente, mas discursivamente. Logo, o texto se coloca como denúncia e testemunho, e seu sentido final ultrapassa o drama individual do sujeito para revelar estruturas sociais que reproduzem racismo, desigualdade e silenciamento. Já que:

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber (Fiorin, 1998, p.74).

É nessa perspectiva, que o discurso da narrativa ganha voz de denúncia, pois o enunciador esclarece as desigualdades raciais da sociedade, dando a oportunidade de a classe dominada também falar da sua dor e sofrimento através do sujeito da enunciação, contra o discurso das classes dominantes que sempre tiveram a oportunidade de falar e de ser escutados.

Logo, é a partir de Pedro como sujeito da enunciação que conhecemos a história de Henrique — ou seja, pela compreensão dele a figura do pai, ainda que morto e silenciado fisicamente, faz com que Henrique constitua-se como um sujeito que enuncia (indiretamente), por meio de sua memória, ações passadas e a reconstrução feita por Pedro. Segundo Fiorin:

O termo sujeito da enunciação é tomado frequentemente como sinônimo de enunciador. No entanto, o enunciatário é tão produtor do discurso quanto o enunciador (GREIMAS; COURTÉS, 1979), porque este produz o texto para uma imagem de leitor, que determina as diferentes escolhas enunciativas, conscientes ou inconscientes, presentes no enunciado. Ao colocar o enunciatário como uma das instâncias do sujeito da enunciação, Greimas e Courtés querem ressaltar seu papel de co-enunciador. Com efeito, a imagem do enunciatário constitui uma das coerções discursivas a que o enunciador obedece: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto (2007, p. 29).

É certo que muito embora o romance seja narrado por Pedro, ele organiza o

discurso em volta do pai e o direciona para toda uma comunidade, a negra. Pois o sentido do texto é constituído como vimos a partir da relação entre enunciador e enunciatário que juntos formam o sujeito da enunciação. As escolhas enunciativas usadas por Pedro sobre o pai, faz com que uma imagem do negro seja criada e aproximada de uma camada da sociedade. A morte do pai representa um destino trágico comum de corpos negros no Brasil. Ela não é apenas física, mas é a morte do projeto de ser reconhecido como sujeito de direitos, figura paterna e educador. De fato, é uma morte que o discurso social tenta impor como natural, mas que o texto denuncia como resultado de uma sociedade racista.

Por isso, o avesso simboliza aquilo que não é visto: os afetos, as dores, invisibilidades, as micro-resistências. A preservação do avesso é, em última instância, preservar a vida contra um discurso de morte, ou ainda mais, ressignificá-la. Como Pedro deixa bem claro, “Por isso não estou reconstituindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo para mim. Preciso arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida” (Tenório, 2020, p. 183)

#### 4.2 O PERCURSO NARRATIVO DE HENRIQUE: A BUSCA POR VALORES CONTRADITÓRIOS

No romance *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, as paixões desempenham um papel crucial no percurso narrativo dos sujeitos. Este estudo se propõe analisar como os efeitos de sentido provocados pelas paixões do sujeito Henrique refletem as questões sociais e raciais presentes no Brasil contemporâneo. Através dos sujeitos da enunciação presentes no discurso, enunciador e enunciatário são definidos de forma explícita como aqueles que sofrem diretamente as ações do racismo estrutural. Segundo Fiorin (2007, p. 26) “O sujeito é um actante cuja natureza depende da função em que se inscreve. Em outras palavras, está sujeito ao objeto com que se relaciona. A relação com o objeto dá uma existência semiótica ao actante; a natureza do objeto dá a ele uma existência semântica.” Assim Henrique é um sujeito preto, que ao conviver com o racismo da sociedade se torna um sujeito desiludido, o objeto-valor desejado para ele acaba sendo a morte, pois a enxerga como sua forma de libertação.

Henrique é um sujeito atravessado por diversas tensões fundamentais que organizam sua trajetória. No nível fundamental, buscamos oposições que estruturam

a experiência do protagonista e o universo simbólico da obra. Algumas das mais evidentes são: opressão *versus* liberdade. Nos trechos a seguir, é possível observar essa oposição:

Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné daqueles moleques.) E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória (Tenório, 2020, p. 19).

Mas com o passar do tempo tinha a impressão de que as possibilidades de sentir dor iam se ampliando e limitando sua liberdade. Viver passou a ser uma questão de evitar a dor a qualquer custo. Numa espécie de encarceramento voluntário, você vai sendo acossado dia após dia pelo medo do desconforto (Tenório, 2020, p. 70).

E lembrou que a partir daquele momento você sempre achou que fosse autista, mesmo sem saber o que isso significava. Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele (Tenório, 2020, p. 88).

Durante toda sua trajetória de vida o racismo estrutural e a violência policial deixam clara a opressão vivida pelo sujeito, que não é capaz de usufruir plenamente da sua liberdade como cidadão brasileiro. Assim como também observamos a oposição negro *versus* branco:

Não chame atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego. Tudo isso passara anos reverberando em você (Tenório, 2020, p. 88).

Vemos nessa passagem recomendações feitas pela mãe de Henrique a ele. A experiência do sujeito como homem negro em um país estruturado pelo racismo marca profundamente seu percurso e evidencia as diferenças e a hierarquização da sociedade de acordo com a cor da pele. Outra questão, é a divergência existente nos olhares de fora em relação à pessoas negras e brancas em certas situações,

mesmo que sejam situações semelhantes, estas são vistas de modo diferente, a depender do individuo que está envolvido. Notamos que quando é uma pessoa negra, reforça-se certos tipos de esteriótipos. Como a discussão de um casal negro, Henrique e a mãe de Pedro:

Ela te chamava, na verdade ela gritava: *volta aqui, henrique*. Você *não pode sair assim*. *Volta aqui, seu covarde*, ela gritava. A rua estava cheia, as pessoas olhavam para vocês com desaprovação, outros com pena, porque achavam que vocês eram dois loucos. Vocês eram um casal de negros gritando pela rua. Isso causa um efeito no imaginário das pessoas, ou confirma aquilo que elas pensam de pessoas negras: *são escandalosas, baraqueiras e mal-educadas* (Tenório, 2020, p. 90).

Consequentemente, demarca-se também a oposição presença *versus* ausência:

Às vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se. Construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse o seu modo de lidar com as coisas. Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento, você será sempre um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre o pai que se recusa a partir. Na verdade, você nunca soube ir embora (Tenório, 2020, p. 13).

Eu queria ter morado num pensamento teu. Como uma forma de amor. Um amor entre pais e filhos. Um amor intelectual, silencioso e delicado. Mas eu tenho a morte de um pai muito próxima. Acho que inventei uma memória sobre você sem a distância e a maturidade necessárias. Sei disso, mas a minha ingenuidade é tudo que tenho. Esta história é ainda a história de uma ferida aberta. É uma história para me curar da falta daquilo que você, repentinamente, deixou de ser (Tenório, 2020, p. 184).

De fato, como observamos nos trechos, sua presença é marcada pela ausência, ele está morto desde o início da narrativa, e a construção da sua imagem é feita através de Pedro por meio de fragmentos.

Decerto, as condições de possibilidade da ação do sujeito Henrique são expressas por meio das modalizações (querer, saber, poder, dever). O **querer**: o sujeito quer mudar o sistema por meio da resistência, educação e quer ter liberdade de ser quem é. O **saber**: tendo o sujeito a consciência da violência racial, tenta conscientizar seu público (os estudantes) a partir do seu papel social como professor. O **poder** do sujeito é limitado, tanto institucionalmente (é perseguido como professor) quanto socialmente (é silenciado e, ao final morto pela polícia), tenta proteger

família, mas é atravessado por impotências sociais. Já o **Dever**, promove o sentimento de resistência através da educação e da luta por liberdade, com integridade, mesmo diante de situações precárias. Essas modalizações mostram que o sujeito age, mesmo sem garantias de sucesso, parece guiado pelo sentimento da esperança:

A sua grande obra foi continuar levantando, dia após dia. Apesar de tudo, você continuou desafiando a possibilidade de morrer. No sul do país, um corpo negro será sempre um risco. A sua obra foram seus alunos, mesmo aqueles que nem se lembram de você. Sua obra foram as suas aulas tristes. Suas aulas sérias, suas aulas apaixonadas (Tenório, 2020, p. 184).

Esse trecho ilustra como Henrique mesmo ciente das limitações impostas pela sociedade, escolhe agir em prol da mudança, utilizando a educação e a preservação de afetos como formas de resistência e transformação social. Dessa maneira, a narrativa é trágica no sentido mais clássico: seu destino já está em curso, mas ele insiste, deixando evidente a tensão entre desejo, obrigação e impotência, que marca o indivíduo negro no Brasil contemporâneo. Como observamos no trecho a seguir:

É inventando que consigo ser honesto. Sei que ninguém quer morrer da maneira como você morreu. Um fuzilamento. Sem chances de defesa. Você não teve a mesma chance de Dostoiévski, não é mesmo? Não houve nenhum salvo-conduto. Nada. Nenhum czar para te salvar. Mas sei que durante a vida você passou por essas tentativas de fuzilamento (Tenório, 2020, p. 184).

Assim, a desilusão não significa desistência, mas consciência ética crítica, produzindo uma subjetividade, resistente e silenciosamente política. O sujeito se refaz como alguém que já não espera justiça do mundo, mas cultiva justiça dentro de si e nos afetos que constrói. É de fato, um sujeito apaixonado inicialmente pela transformação social, que se desilude diante da realidade racista, mas que reconstrói seu sentido de existência no campo íntimo dos afetos. Seu percurso revela a tensão entre querer mudar o mundo e perceber que o mesmo não está disposto a mudar para ele.

Esse percurso de Henrique pode ser estruturado à luz das fases canônicas, segundo o modelo do programa narrativo fundamental da semiótica greimasiana. Esse modelo descreve o percurso que um sujeito realiza ao buscar um valor (objeto de desejo), sendo constantemente submetido a testes e transformações:

Figura 3 – Fases canônicas da trajetória do sujeito Henrique

<b>Fases canônicas do percurso do sujeito</b>
• <b>Manipulação:</b> A realidade violenta do racismo convoca Henrique à ação, a se tornar militante, professor, educador.
• <b>Competência:</b> Ele adquire conhecimento, forma-se intelectualmente, desenvolve consciência crítica.
• <b>Performance:</b> Atua como educador, intelectual e pai, buscando promover mudanças sociais e subjetivas.
• <b>Sanção:</b> Sua trajetória é abruptamente interrompida pela violência policial. No entanto, há uma sanção posterior, simbólica, realizada por Pedro, que resgata a memória e os valores do pai, viabilizando que seu legado permaneça vivo, sendo de tal maneira, a liberdade tão desejada fosse enfim alcançada com sua morte.

Fonte: Própria

Por meio disso, podemos concluir que na manipulação é o momento que o sujeito é convocado a agir pela realidade do racismo, manipulado pela ideologia da ascensão social por meio da educação. Ele acredita que ser um bom docente e cidadão pode reverter a marginalização e gerar uma consciência racial, pois foi através também de um professor que ele adquiriu tal consciência:

A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela. Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu a palavra “negritude”, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e você se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava. Foi com o professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que a sua cor era uma invenção cruel e orquestrada pelos europeus. Descobriu que a escravidão negra foi sustentada por discursos racistas a partir do século XVIII (Tenório, 2020, p. 33).

Assim, ele tem como objeto valor a dignidade, reconhecimento, cidadania plena. Na segunda fase, vemos a preparação do sujeito, Henrique tem o conhecimento, tem vontade e sente o dever de se tornar exemplo para os outros. No entanto, sua competência é tensionada pelas forças sociais que o desautorizam como sujeito negro. “Você simplesmente não sabe como sobreviveu à escola, primeiro como aluno, depois como professor. Não sabe como aguentou todas aquelas situações constrangedoras e violentas que a escola proporciona a todos que fazem parte dela.” (Tenório, 2020, p. 129). A passagem evidencia as dificuldades enfrentadas, em um sistema educacional que, muitas vezes, reproduz violências e constrangimentos,

desautorizando-o como sujeito pleno.

Na performance, observamos a ação do sujeito tentando conquistar seu objeto valor, mas sendo constantemente inviabilizado de alcançá-lo por obstáculos estruturais. Apesar de agir com ética e competência, é punido por um sistema excludente:

A escola e os anos de prática docente te transformaram num operário. Anos e anos acreditando que você estava fazendo algo significativo, mas vieram outros anos e anos e soterraram suas expectativas. A precariedade da escola venceu, e você estava cansado (Tenório, 2020, p. 132).

Essa performance frustrada aciona o *pathos* da desilusão e da auto repressão emocional. Na última etapa do percurso, Henrique não recebe reconhecimento social, sua sansão social é negativa: é marginalizado, silenciado, morre precocemente, mas para a sanção pessoal é positiva: ele preserva a dignidade, transmite valores ao filho, alcança sua liberdade, e reafirma o avesso – o espaço subjetivo que resiste à opressão. “É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê.” (Tenório, 2020, p. 61).

O sujeito persegue um objeto de valor simbólico: reconhecimento como sujeito negro, pleno de liberdade, transformação social através da educação e transmissão de um legado ao filho (ainda que fracassada ou interrompida). O sujeito busca dignidade, voz, liberdade e pertencimento para si e para os seus. Desse modo, esses valores ficam subentendidos durante toda a narrativa e são reforçados a cada seção, a partir dos acessos da mente do sujeito através da memória, deixando claro, que ele sempre lutou pela sua liberdade e mesmo que não da maneira desejada, ela foi alcançada. Como observamos no trecho a seguir:

[...] Depois daquela noite, tudo era possível. Aquilo estava te salvando do abismo. E você nem percebeu quando os reflexos vermelhos de uma sirene bateram na parede de um prédio próximo a você. Nem percebeu a aproximação de uma viatura da polícia, e também não percebeu quando eles pararam o carro ao seu lado. Você só se deu conta do que estava acontecendo quando um deles falou mais alto e disse para você parar. Era uma abordagem. Sua cabeça ainda estava em sala de aula, ainda estava em Dostoiévski. Ele gritou para você parar. Gritou para você ir para a parede. Mas você não escutou ou não quis escutar [...] você não estava mais se importando com a rotina deles. Ele gritou novamente para você ir para a parede, ele já estava apontando a arma. Mas para você já não fazia diferença, porque daquela vez eles não iam estragar tudo

(Tenório, 2020, p.176).

Nesse sentido, vemos como a desilusão afeta o sujeito se caracterizando como uma paixão complexa, pois ela acontece a partir de toda uma transformação devido a articulação de paixões simples anteriores, como a esperança, tristeza, raiva, e até culpa. Dessa maneira o sujeito passa de uma posição positiva para uma negativa, voltando até algumas vezes ao estado inicial, mas logo afetado novamente e se tornando desiludido. A sua decisão de não querer obedecer a abordagem policial, pois pela primeira vez ele teve sucesso nas suas aulas, aponta que ele ainda enxerga uma esperança naqueles garotos, como se depositasse neles a ilusão de um mundo mais igualitário, e uma oportunidade de alcançar a sua liberdade. Portanto, pela primeira vez ele irá enfrentar a opressão a qual passou sua vida toda fugindo, mesmo tentando se encaixar e seguir as regras impostas pela sociedade, falhando todas as vezes. A sua morte pelas mãos da polícia representa o colapso definitivo do sujeito afetado, que não consegue transformar o mundo ao seu redor, mas sua morte pode adquirir ainda um valor positivo, pois o sistema contra o qual ele lutava pôde o aniquilar fisicamente, mas não apaga sua memória que será resgatada por Pedro. e o legado deixado para os seus alunos. Vejamos:

Mas um rapaz jovem, negro, que se identificou como ex-aluno, pediu para falar: *eu queria começar dizendo que eu conheci o professor Henrique nunes na sétima série, eu tinha doze anos. E não tenho como medir tudo que ele fez por mim, tudo o que ele fez por inúmeros alunos, tudo que ele ensinou. Estou arrependido de não ter dito isso a ele. Quero dizer também que o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras a séculos (Tenório, 2020, p. 180).*

Desse modo, sua morte ainda adquiriu uma sanção positiva através desta perspectiva abordada, se tornando um símbolo de resistência, representatividade e luta por direitos dentro da comunidade negra.

#### 4.3 SENTINDO NA PELE: OS DISCURSOS INTOLERANTES QUE CONSTITUEM O RACISMO ESTRUTURAL

O discurso comprehende uma conjuntura de desambiguação para os enunciados, se inserindo em uma circunstância sociocultural determinada que o

demarca em relação a outros discursos que aparecem no texto. O autor Greimas incorpora uma concepção “gerativa” do conjunto significante, que se refere ao discurso que de certa maneira, compõem a barreira que desprende o significado do significante na elipse de Saussure, (metáfora para representar visualmente essa relação entre significante e significado)<sup>8</sup>, ou seja o que irá ser analisado não é mais essa relação entre estes dois termos, sendo substituída pela análise de um “percurso” que começa no plano de expressão e evolui para o plano de conteúdo, mesmo sendo independentes.

Neste viés, o discurso representa a realidade tanto para a instância do enunciador quanto para a instância do enunciatório, cabendo ao “ser social” ser um suporte do pensamento comunicável, traduzindo a experiência humana em contato emergente e impensado com o mundo exterior. Simultaneamente, reconhece em todos os discursos a expressão de um vínculo com o mundo, conduzindo a um ponto de vista fenomenológico e à defesa de um sujeito que narra a sua realidade vivida. Portanto, o sujeito enunciador reconhece um tipo de participação no programa que instala ou o que assume, na medida que é responsabilizado, seja por ele ou pelos outros por executar o programa. De modo que: “O discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo.” (Fiorin, 1998, p. 11).

Portanto, o sujeito se enuncia através do seu fazer, ou seja, ele se faz conhecer como dotado de uma certa identidade, em termos fenomenológicos, ele é a origem da expressão de uma relação com o mundo. Então, ele é o agente de um programa de ação ao qual está situado no mundo, porém ao enunciar sua identidade, ele se significa ou é significado de um lugar privilegiado sobre o mundo ou ainda como um limite. O sujeito irá significar tudo aquilo que ele diz ou faz, mas mais ainda, ele significa qualquer coisa de si mesmo, de sua identidade.

De modo que o plano de conteúdo se estabelece a partir da própria identidade do agente desse fazer e sua relação com o mundo. O sujeito discursivo quer muito mais do que apenas dizer ou agir, mas, além disso, ele quer enunciar sua identidade como forma de resposta implícita na instância da recepção: quem ele é para dizer ou fazer aquilo que ele diz ou que faz? E por meio de uma análise do

---

<sup>8</sup> C.f: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix. 2012.

discurso deter-se na identidade dos actantes discursivos, respondendo também uma questão semiótica, de como pela linguagem verbal, nós mesmos significamos. Fiorin (1998) revela:

O falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc. É em razão desse complexo jogo de imagens que o falante usa certos procedimentos argumentativos e não outros (1998, p.18).

Partindo dessa permissa, entendemos que através da memória do filho, o discurso de Henrique se realiza por projeção enunciativa. Portanto, Pedro reencena a voz do pai. Esse processo se realiza por meio de desembreagem enunciativa, em que a instância do pai é delegada como a voz do discurso, mesmo sem estar vivo. Assim, Henrique aparece como: um sujeito que defende valores (a educação, a resistência negra), um sujeito desejoso (de liberdade, de reconhecimento, de justiça). Pedro não apenas lembra de Henrique, mas reconstrói o mundo a partir de sua influência — o pai é um sujeito sem voz direta, mas de grande força enunciativa.

No percurso narrativo é Henrique que assume diversas posições actanciais. Como destinador, ele é quem transmite ao filho os valores que organizam o mundo (educação, leitura, consciência racial), como também objeto valor, ele busca compreender o pai, resgatá-lo, fazendo dele um objeto de conhecimento e reparação simbólica. E por último, Henrique também é um sujeito passional, pois sente raiva angústia, frustração diante do sistema escolar, da violência policial, do racismo estrutural. Esses papéis revelam-no como o centro de uma rede de significações que organiza o discurso e impulsiona a ação narrativa.

De fato, o pai é tematizado como homem negro que tenta resistir, pensar e educar. Tal tematização é figurativizada por um corpo ferido, símbolo da violência sistêmica, seus livros e cartas, são figuras do conhecimento, mas também do silêncio e da impossibilidade de diálogo pleno. Destarte, ao longo da narrativa, há isotopias que se repetem e constroem a coerência semântica no texto. Como podemos observar a violência policial, que começa ainda na infância e se repete durante toda a vida do professor:

Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam

de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido (Tenório, 2020, p.19).

Esse fato aconteceu aos 14 anos, Henrique é injustamente acusado de roubo, algemado pela polícia e descredibilizado pela população, mesmo sem provas. Ainda em outra passagem, agora como professor, Henrique é abordado na porta de casa: Você estava na frente do seu prédio esperando uma carona para ir trabalhar.

Você tinha cinquenta anos e não pensava que ainda teria de passar por isso. Enquanto você conferia a hora no seu relógio, dois policiais, da Brigada Militar se aproximaram de você e perguntaram o que fazia ali parado. Você demorou alguns segundos para responder, na verdade queria se recusar a responder, pensou em confrontá-los, perguntar por que estava sendo abordado, mesmo que já soubesse a resposta. Você estava cansado daquilo. Cansado de ter que dar explicações para a polícia (Tenório, 2020, p.142).

Essas cenas sempre foram corriqueiras e comuns na vida de Henrique, que a partir de um tempo, começa a agir com receio e preventivamente. Pois ser abordado pela polícia começou acontecer ainda na sua infância. Fato comprovado a seguir:

A primeira vez que você recebeu uma abordagem, você recém havia chegado do Rio de Janeiro e nem sabia do que se tratava um paredão. Você tinha treze anos e estava jogando futeboln numa praça com seus amigos da escola: o Caminhão, o Juca, o Sadi, o Nego Tinho, o Michael Jackson e o Pão com Ki-Su-co (Tenório, 2020, p.143).

Esses episódios evidenciam como o racismo estrutural e a violência policial afetam profundamente a vida de pessoas negras, independentemente de sua conduta ou posição social. A narrativa de Tenório oferece um retrato contundente dessas injustiças na sociedade, convidando à reflexão sobre a urgência de mudanças sociais e institucionais. Em vista disso, percebemos o racismo retratado de forma profunda e multifacetada, evidenciando como ele permeia até as experiências cotidianas dos indivíduos negros. Desde os primeiros momentos de leitura temos a percepção que os indivíduos negros na sociedade seguem um tipo de “manual de sobrevivência para pessoas negras”, por meio de reflexões e orientações recebidas desde a infância para evitar chamar atenção e, assim se proteger:

Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. [...] Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. Um manual de sobrevivência (Tenório, 2020, p.88).

Desde pequeno, o protagonista, é ensinado a se calar, abaixar a cabeça e não chamar atenção. Esses ensinamentos constituem um discurso intolerante travestido de “prudência”, que impõem ao sujeito a renúncia de sua própria voz e identidade como forma de autopreservação. Desse modo, o discurso intolerante se manifesta também no ambiente escolar e familiar, quando ele é alvo de estereótipos que minimizam a sua existência a clichês raciais, “negão forte”, “resistente à dor”, “bom de samba ou futebol”, revelando uma operação do racismo sob a lógica da desumanização pelo exotismo<sup>9</sup>.

Além disso, os discursos intolerantes ganham força através do aparato estatal, representado principalmente pela polícia, que aparece na narrativa como agente do racismo institucionalizado. A repetição de abordagens injustificadas ao longo da vida de Henrique culminando em sua morte, demonstra como o corpo negro é historicamente lido como ameaça.

A intolerância, nesse sentido, deixa de ser uma atitude isolada e se revela como um projeto social que exclui, oprime e mata. De acordo com Barros (2011b):

Para o exame narrativo dos discursos intolerantes, a hipótese que no momento se apresenta (BARROS, 1995, 2005, 2008a, 2008b, 2008c} é a de que esse discurso é, sobretudo, um discurso de sanção aos sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais: de branqueamento da sociedade, de pureza da língua, de heterossexualidade e outros. Esses sujeitos são, portanto, no momento do julgamento, reconhecidos como maus atores sociais, maus cidadãos - pretos ignorantes, maus usuários da língua, índios bárbaros, judeus perigosos, árabes fanáticos, homossexuais pervertidos - e punidos com a perda de direitos, de emprego, ou até mesmo com a morte (2011, p. 256).

Com isso, observamos como alguns contratos sociais são mantidos silenciosamente e reverberam estereótipos e preconceitos na sociedade,

---

<sup>9</sup> Exotismo é uma forma sutil de violência simbólica, porque transforma pessoas em objetos de fascínio ou curiosidade – e não em sujeitos com identidade e dignidade próprias. C.f: BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino e Pedro Souza. São Paulo: Difel, 2009.

principalmente contra as minorias. Portanto, a intolerância não é apenas uma questão de opinião: ela se expressa por meio de um sistema de valores em que certos grupos são posicionados como desviantes ou inferiores. Esse tipo de discurso segue uma narrativa de sanção, como mostra Barros (2011b), e por isso merecem ser punidos ou excluídos.

Outro ponto crucial, levantado pela semiótica das paixões é a presença de paixões malevolentes, como ódio, o desprezo e o desejo de punição. Os discursos intolerantes mobilizam esses afetos para reforçar a separação entre o “nós” (grupo dominante) e o “eles” (os outros). Essa mobilização afetiva é essencial para o funcionamento do discurso, transformando-a em algo emocionalmente aceitável ou até desejável dentro de determinados contextos sociais.

A hipótese aqui desenvolvida é a de que predominam nos discursos intolerantes dois tipos de paixões - as paixões ditas malevolentes (antipatia, ódio, raiva, xenofobia etc.) ou de querer fazer mal ao sujeito que não cumpriu acordos sociais. [...] a que se contrapõem paixões benevolentes, tais como o amor aos iguais, aos de sua cor, a sua religião, a sua pátria; e as paixões do medo do "diferente" e dos danos que ele pode causar. Os sujeitos intolerantes são sempre sujeitos apaixonados (Barros, 2011b, p. 259).

Assim, a semiótica nos permite compreender que os discursos intolerantes não são acidentes ou desvios éticos pontuais. Eles constituem estratégias de sentido, produzidas e reproduzidas por meio da linguagem, com efeitos materiais e simbólicos profundos. Desconstruí-los requer, portanto, não só denunciar sua existência, mas também atuar sobre as estruturas discursivas e os valores que os sustentam.

No decorrer da narrativa, Henrique expressa um discurso antirracista que vai ascendendo ao longo de sua vida. Inicialmente, ele internaliza o racismo estrutural, mas, com o tempo passa a refletir criticamente sobre sua condição de homem negro no Brasil. É nesse momento que Henrique vai se desenvolvendo também como um sujeito passional, especialmente pela forma como suas emoções estruturam sua trajetória existencial e suas escolhas diante da experiência com a violência racial. Sua vida é moldada por afetos que derivam do embate constante com um mundo que o marginaliza por sua cor e origem. Dentro da obra, constatamos o fato em diversas passagens, como no exemplo: “É essa é a perversidade do racismo. Porque ele simplesmente te impede de visitar os próprios infernos.” (Tenório, 2020, p.86).

Nesse ponto, o sujeito reflete sobre como o racismo impede que pessoas negras reconheçam e processem suas dores e fracassos. Pois, independente do que façam nunca vão poder mudar a sua posição na sociedade, mesmo que ascendam socialmente. Por conta disso, desde cedo o sujeito aprende a silenciar suas dores, internalizando a discriminação como parte natural da vida. Esse afeto inicial – a dor silenciosa – o coloca em uma posição fragilizada, como quando estava namorando uma mulher branca e sendo o único negro na família:

Acontece que, em pouco tempo, você não só passou a ser o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre negro: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo (Tenório, 2020, p. 24).

Consequentemente, torna-se alvo de estereótipos raciais, sendo reduzido a clichês sobre pessoas negras. De acordo com Barros (2011b, p. 267): "O "diferente", o "outro" é, portanto, nos discursos preconceituosos e intolerantes, não humano ou animalizado, antinatural e anormal, doente, sem estética e sem ética." Desse modo, o corpo negro é revestido de figuras associadas ao perigo, irracionalidade e violência – desviando-o da figura humana universalizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas, fica evidente que *O Avesso da pele*, de Jeferson Tenório, não é apenas uma narrativa sobre experiências individuais, mas um potente percurso semiótico que constrói, tenciona e ressignifica as identidades negras no Brasil contemporâneo através do sujeito Henrique. Ao mobilizar recursos linguísticos, discursivos e simbólicos, a obra revela como o racismo se inscreve nos corpos, nas subjetividades e nas relações sociais, produzindo marcas que alteram e ultrapassam o âmbito pessoal e se projetam no coletivo.

Por meio da semiótica das paixões, foi possível compreender como as paixões, os afetos e as tensões discursivas estruturam a construção identitária do protagonista e de outros sujeitos negros na obra. As estratégias narrativas, desde o nível fundamental até o nível discursivo, evidenciam que a identidade negra é constantemente negociada, sendo definida por estereótipos e, muitas vezes, confrontada diante de uma sociedade marcada por estruturas racistas que negam ao sujeito negro sua individualidade e liberdade plena de ser cidadãos.

No primeiro capítulo de análise, “A construção da significação em *O Avesso da pele*”, foram analisados os modos como a narrativa organiza seus elementos expressivos e discursivos, revelando que a construção de sentido na obra não se limita aos acontecimentos, mas se dá, sobretudo, nas relações entre enunciador e enunciatário que criam um “locutor” que dá voz ao discurso e o significa. A materialidade textual se mostra atravessada por escolhas que ampliam os efeitos de sentido, convocando o leitor a uma reflexão profunda sobre pertencimento, marginalização e reconhecimento.

Em seguida, temos: “Percorso narrativo de Henrique: a busca por valores contraditórios”, que evidenciou como o sujeito se move em um percurso marcado por tensões valorativas. Henrique oscila entre desejo de pertencimento e a recusa dos lugares sociais que lhes são impostos. Seu percurso narrativo revela não apenas uma busca por identidade, liberdade, mas também o enfrentamento constante dos sentimentos que o racismo causa e o enfretamento constante contra valores a si empregados pelo racismo sobre o seu corpo e sua existência. Trata-se de um sujeito que, ao mesmo tempo que sofre os efeitos da exclusão, procura ressignificar sua

própria trajetória, se adaptando na contradição entre aceitação, resistência e reinvenção.

No último capítulo, “Sentindo na pele: os discursos intolerantes que constituem o racismo estrutural”, a análise demonstrou como a obra desvela os mecanismos discursivos que sustentam o racismo nas relações sociais. Esses discursos não se dão de forma isolada, mas atravessam instituições, relações familiares, espaços públicos e privados, operando como dispositivos de controle, exclusão e hierarquização social. A semiótica discursiva permitiu o entendimento de que o discurso de certas classes sociais, são mais aceitos que outros e como eles são influenciados pelas posições dos indivíduos na sociedade, revelando preconceitos.

Assim, este trabalho reafirma a relevância da literatura como espaço de denúncia, de resistência e de elaboração simbólica dos processos de opressão e emancipação. Ao mesmo tempo, demonstra como a análise semiótica permite acessar as camadas profundas de sentido que sustentam tanto os discursos de dominação quanto os dominados. Por fim, a reflexão sobre o racismo e a identidade, à luz da semiótica discursiva, não apenas enriquece a compreensão da obra do autor, mas também contribui para o debate social urgente sobre a construção de uma sociedade mais justa, plural e antirracista.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. Elementos de Semiologia. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix. 2006.
- BAKHTIN, M. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2017
- BARROS, D. L. P. de. Teoria do discurso: fundamentos semióticos. São Paulo: Ática, 1988.
- BARROS, D. L. P. de. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric (Eds.). Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: Educ, 1995.
- BARROS, D. L. P. Uma Reflexão Semiótica sobre a “Exterioridade” Discursiva. Alfa, São Paulo, 53 (2): 351-364, 2009
- BARROS, D. L. P. de. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: Ática, 2011.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas. Tradução . São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- BERTRAND, Denis. Caminhos da Semiótica literária. Bauru, São Paulo: Edusc, 2003.
- FIORIN, J. L. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 1998.
- FIORIN, J. L. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. v. 9. n. 1 – São Paulo: Todas as letras, 2007.
- FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo, Editora contexto, 2016.
- FIORIN, J. L. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2018.
- FLOCH, J. M. Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. 1. ed. – São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo, Cultrix, 1979.
- HJELMSLEV, Louis. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. Tradução de Izidoro Blikstein e Aurora F. Bernardini. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- PRODANOV, C. C. ; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e

técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA, Shenna Luíssa Motta. Perdição e salvação em Reyno de Babilônia: uma análise semiótica da figurativização e da persuasão. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix. 2012.

TENÓRIO, Jeferson. O Avesso da Pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.